

A manifestação do “numinoso” em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* de Lispector: uma reflexão do sagrado a partir da teoria Ottoniana

Fabrício Possebon

Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenador do Mestrado em Ciências das Religiões (PPG-CR/UFPB).

fabriciopossebon@gmail.com

José Roberto Feitosa de Sena

Mestrando em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (PPG-CR/UFPB), bolsista da Capes.

joseroberosena@hotmail.com

Resumo

No presente artigo aborda-se um texto literário de uma das maiores escritoras brasileiras, Clarice Lispector. Sua obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969) reflete passagens em que a jovem protagonista Lóri, em contato com o mar, é potencializada pela presença do sagrado; é o encontro entre o *homo symbolicus* e o *numinoso* manifestado pelo encanto das águas do Grande Mar. Refletiremos sobre o fragmento da obra a partir do referencial teórico-fenomenológico de Rudolf Otto que nos fornece elementos para a compreensão do sagrado.

Palavras-chave: sagrado; numinoso; símbolo.

A consciência de minha permanente queda me leva ao amor do Nada. E desta queda é que começo a fazer minha vida. Com pedras ruins levanto o horror, e com horror eu amo. Não sei o que fazer de mim, já nascida, senão isto: Tu, Deus, que eu amo como quem cai no nada.

Clarice Lispector¹

Introdução

Clarice Lispector nasceu em Chechelnyk (Ucrânia), terceira filha de Pinkouss e de Maria Lispector. De origem judaica, sua família sofreu perseguição durante a Guerra Civil Russa (1918-1921), migrando para o Brasil quando Clarice tinha apenas dois meses de idade. Faleceu no dia 9 de dezembro de 1977, vítima de um câncer no ovário e foi enterrada dois dias depois no Rio de Janeiro².

Ainda na infância Clarice começa a escrever. Recife foi a morada da menina, que em processo de maturidade absorve as múltiplas paisagens da capital pernambucana e, posteriormente, iria expressá-las em alguns de seus trabalhos. Em dezembro de 1943 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. Com apenas 19 anos, Clarice inova o cenário literário brasileiro. O país vivia num momento em que predominava a produção artística ligada ao movimento regionalista, em que havia forte apelo social, sobretudo relativo à seca e à fome no Nordeste. A problemática do seu trabalho era de caráter existencial, com estilo elíptico e fragmentário, características que a acompanharam em seus trabalhos posteriores.

Os aspectos mencionados que marcam sua obra aparecem também em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*³ de 1969. Narrado em terceira pessoa, a obra conta

¹ Disponível em: <<http://www.claricelispector.com.br/autobiografia.aspx>>. Acesso em: 17 nov. 2010.

² Disponível em: <<http://www.claricelispector.com.br/autobiografia.aspx>>. Acesso em: 17 nov. 2010.

³ LISPECTOR, 1998.

a história de Loreley, apelidada de Lóri, uma jovem mulher que morava no Rio de Janeiro. Era professora primária, morava sozinha em um apartamento em Ipanema. Tinha pai e irmãos vivendo em Campos, mas se desligara deles. Sua família era rica, e ela vivia do modesto salário de professora de escola e do pouco dinheiro que o pai lhe dava. Acreditava em um Deus grande ao qual não se implorava, mas agregava-se a ele.

Essa obra possui alguns trechos que evidencia a manifestação do Divino. As atitudes de Lóri a conduzem para a plenitude do amor e da autoaceitação. O ápice desse encontro com o sagrado pode ser observado quando a personagem se dirige ao mar e entra em contato com o mesmo. Um encontro entre dois mistérios, opostos e atraentes, um acasalamento entre o homem e a natureza, num ritual de admiração-purificação diante do inconcebível Grande Mar, o Absoluto. Vejamos a seguir um breve trecho do romance:

Vestiu o maiô e o roupão, e em jejum mesmo caminhou até a praia. Estava tão fresco e bom na rua! Onde não passava ninguém ainda, senão ao longe a carroça do leiteiro. Continuou a andar e a olhar, olhar, olhar, vendo. Era um corpo a corpo consigo mesma dessa vez. Escura, machucada, cega - como achar nesse corpo-a-corpo um diamante diminuto, mas que fosse feérico, tão feérico como imaginava que deveriam ser os prazeres. Mesmo que não os achasse agora, ela sabia, sua exigência se havia tornado infatigável. Ia perder ou ganhar? Mas continuaria seu corpo-a-corpo com a vida. Alguma coisa se desencadeara nela, enfim.

E aí estava ele, o mar. Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não-humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fizera um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornara-se o mais ininteligível dos seres onde circulava sangue. Ela e o mar.

Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões... (LISPECTOR, 1998, p. 76-81).

Com base nesse fragmento do romance, analisaremos a relação ambígua entre literatura e sagrado que se expressa

na obra de Lispector, procuraremos interpretar a manifestação do *numinoso* presente no texto, por meio da Obra *O sagrado* (1917), de Rudolf Otto, que nos fornece apontamentos teóricos fundamentais para a compreensão da religião.

Partindo da ideia central da obra Ottoniana, perguntamo-nos como podemos dialogar o romance de Clarice Lispector com o marco teórico desse pensamento? Em que elementos dessa obra literária podemos encontrar evidências que revelam o sagrado? Seria pertinente aplicar a perspectiva do *numinoso* a esse romance?

A literatura tem o papel de levar as pessoas ao conhecimento e a contemplação do real-ficcional; toda obra literária tem a finalidade de um objeto construtivo e este, por sua vez, possui grande poder humanizador.⁴

O sagrado, bem como as diversas visões de mundo e os múltiplos sentidos da vida são expressos através dos simbolismos presentes nas obras literárias, que (re)constroem constantemente as invenções e interpretações humanas.

O símbolo reencanta o mundo. A força esclarecedora da razão é insuficiente como instrumento único de explicação e resposta aos problemas que se mostram no palco da trama histórica da vida humana⁵. Há uma riqueza de símbolos que delimitam não só o universo específico das religiões, mas também toda a realidade social; esta, por sua vez, pode ser representada ou reinventada por meio da literatura, já que um dia alguém falou que “a arte imita a vida”.

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a podemos distinguir pelo menos três faces: 1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CÂNDIDO, 1989, p. 6).

⁴ CÂNDIDO, A. *Literatura e Direitos Humanos*. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/inedex.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2010.

⁵ DURAND, 1988.

Breve reflexão teórica a partir do postulado Ottoniano

Rudolf Otto (1869-1937) era de família protestante e tornou-se pastor, teólogo e filósofo. Foi professor em diversas universidades alemãs, tendo sido titular de Teologia em Breslau de 1915 a 1917 e se aposentado em Marburgo em 1919. Passou a ser conhecido pela obra *Das Heilige*, que se tornou um dos clássicos da Filosofia da Religião. A intenção de Otto em seu estudo é observar as características do elemento não-racional em contraste com as do racional dentro do universo religioso⁶. O autor busca analisar a oposição do racionalismo frente ao puro sentimento do não-racional. Mesmo sabendo que a ortodoxia racionalista eliminou o caráter não-racional e forjou um sistema de compreensão da religião por meio de pressupostos racionalista-reducionistas, Otto nega a aplicação da razão como caminho de entender o sagrado. Para ele, esse processo de sobreposição do racional ao aspecto não-racional configura na negação dos elementos simbólicos mais peculiares do fenômeno religioso.

O autor inicia o primeiro capítulo de sua obra afirmando que a religião, do ponto de vista racionalista, possui categorias racionais que definem a divindade com clareza e a caracteriza com atributos como espírito, razão, boa vontade, onipotência etc. Todos eles são pensados como sendo “absolutos” e “perfeitos”.

Essas características, para Otto, são elementos racionalizados que não contemplam a ideia de sagrado, pois este é inefável, não pode ser definido pela razão, apenas descrito. São esses atributos que numa sociedade racionalista fazem uma religião considerar-se superior, a partir de suas esquematizações - é o caso do Cristianismo. O aspecto racional parece ser tudo, mas não esgota a compreensão da essência da divindade. Para Rudolf Otto, o “pecado” cometido pelos racionalistas reside, no campo da

⁶ BIRCK, 1993.

religião, em ter subtraído os atributos com que nos aproximamos do absoluto por outros que não são privados do contexto sacro, mas que pertencem também à natureza das representações humanas (sociais/materiais). Dessa forma, não só desvirtuaram a essência da religião como inviabilizaram-na, em grande parte, de seu caráter emotivo e supraracional.

A distinção que muitas vezes se faz entre o racionalismo e a religião é errônea, quando atribui a negação do milagre ao primeiro e a afirmação dele ao segundo, pois, “ao formular doutrina, a ortodoxia não soube fazer justiça ao elemento irracional do seu objeto e mantê-lo vivo na experiência religiosa, racionalizando unilateralmente a idéia (*sic*) de Deus” (OTTO, 2007, p. 34). Esse processo de racionalização do elemento religioso está presente até hoje, não apenas nas instituições religiosas, mas nos próprios estudos das ciências da religião; esse comportamento frente ao sagrado “fecha os olhos” para aquilo que a manifestação religiosa tem de mais peculiar, para as vivências religiosas mais subjetivas e simbólicas que brotam do imaginário humano, inclusive em suas manifestações mais primitivas: “se existe um campo da experiência humana que apresente algo próprio, que apareça somente nele, esse campo é o religioso” (OTTO, 2007. p. 35). No entanto, não dispensa nenhuma das categorias, não quer colocar a religião fora do plano racional, quer resgatar na ideia de Deus o que fora perdido pelo racionalismo. Pois crê que a religião toma consciência de si mesma quando evidencia a relação desses dois elementos. Por isso, é necessário observar o elemento não-racional e sua relação com o racional.

No segundo capítulo, discute-se a categoria fundamental de que parte Otto, o *numinoso*⁷. O termo provém da palavra latina *numine*, que significa divindade. O sufixo *oso* refere-se a *cheio de* (numinoso = cheio de divindade), fornecendo a clara conotação de que o ser humano é povoado de simbolismos religiosos; sua vida, visões e práticas são

⁷ Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com>>. Acesso em: 12 dez. 2010.

preenchidas de sentido divino. Essa categoria seria a essência do sagrado, um conceito peculiar, explicativo e valorativo, não passível de definição, apenas de descrição. Compreensível indiretamente, mediante sugestões aproximadas que se apresentam ao espírito, de maneira que permite o florescimento e a experiência do sagrado numa oscilação recíproca, complementar e indissociável entre o terror e a admiração. Para Otto, muitas vezes a palavra *sagrado* é mal aplicada, reduzida a preceitos éticos e morais racionalistas, portanto, empregar o termo *numinoso* na dimensão do sagrado é adequado para referir-se aos aspectos não-racionais e, por isso, profundamente simbólicos da religião. Abordar o sagrado como uma categoria que abrange algo inefável propiciando uma abertura para avaliações daquilo que é exclusivamente religioso e que, a seu tempo, escapa ao domínio racional.

Para Otto, o numinoso não é acessível conceptualmente. Então, como é possível a descrição do numinoso? O divino manifesta-se no sentimento religioso. Portanto, através de uma análise psicológica, pode-se descrever a experiência *numinosa* [...]. O sentimento *numinoso* é um estado de alma, ou reação provocada no consciente pelo sentimento de ser objeto do *numen*, ou pelo sentimento de presença do *numen* (BIRCK, 1993, p. 10).

Nesse interim, no terceiro capítulo do livro, abrange-se a categoria do sagrado como possuidora de um elemento absolutamente especial, o *numinoso*, que pode ser descrito como o *sentimento de ser criatura*. Esse sentimento é algo que “está fora de mim”, longe do meu alcance e relaciona-se ao medo; já que está fora e é maior do que “eu”, simultaneamente está ligado ao amor fraternal, já que me sinto atraído e confortado diante dele.

O sentimento numinoso não é uma emoção vã, é um estado afetivo. É um sentimento autêntico, ontológico, específico, que emerge dos mais profundos níveis do inconsciente; é uma categoria de interpretação que se manifesta nas experiências mais pessoais, intersubjetivas e intrínsecas aos sentidos do *homo symbolicus*.

Trata-se de um sentimento confesso de dependência que, além de ser muito mais do que todos os sentimentos naturais de dependência, é ao mesmo tempo algo qualitativamente diferente. Ao procurar um nome para isso deparo-me com sentimento de criatura – o sentimento da criatura que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura. [...] ‘O sentimento de criatura’ na verdade é apenas um efeito colateral, subjetivo, é por assim dizer a sombra de outro elemento de sentimento (que é o ‘receio’), que sem dúvida se deve em *primeiro lugar e diretamente a um objeto fora de mim* (OTTO, 2007, p. 41-42).

Analisaremos a seguir o quarto capítulo da obra Ottoniana, reforçando o confronto entre o fragmento do romance de Líspector e as formulações teóricas desenvolvidas em *O Sagrado* por Rudolf Otto. Buscaremos refletir sobre a categoria de sagrado na perspectiva de Otto para avaliarmos como as instâncias do numinoso se manifestam no contato da personagem Lóri com o mar. Por sinal, o termo *contato* aqui é bem sugestivo para Otto. Diante do Divino, o indivíduo passa por fortes sensações espirituais; é a sensação do *Mysterium tremendum*. Vejamos uma passagem do fragmento em que se evidencia essa sensação em Lóri: “O caminho lento aumenta sua coragem secreta – e de repente ela se deixa cobrir pela primeira onda!” (LISPECTOR, 1998, p. 76-81).

Nessa passagem do romance, observamos o que Otto denomina de *Mysterium tremendum* que causa sensações misteriosas e arrepiantes, que deixa o ser em estado de êxtase, colérico, pasmo diante do poder incompreensível do outro (*fora de mim* e infinitamente *maior do que eu*), causador de uma dicotomia entre fascínio (atração) e temor (repulsa).

Essa sensação pode ser uma suave maré a invadir nosso ânimo, num estado de espírito a pairar em profunda devocão mediativa. Pode passar para um estado d’alma a fluir continuamente, em duradouro frêmito, até se desvanecer, deixando a alma novamente no profano. Mas também pode eclodir do fundo da alma em surtos e convulsões. Pode induzir estranhas excitações, inebriamento, delírio, êxtase. Tem suas formas selvagens e demoníacas.

Pode decair para horror e estremecimento como que diante de uma assombração (OTTO, 2007, p. 44-45).

Lóri encontra-se em estado de contato com o divino; este, por sua vez, manifesta-se pela imensidão do mar e seu poder avassalador diante da pequenez da jovem mulher. O líquido que percorre seu corpo atua como possessão do sagrado no indivíduo, do primeiro utilizando o corpo do segundo num rito simbólico, fertilizando-o, purificando sua alma, levando-a a um estado metafísico, psiquicamente fora da rotina. Um mergulho transcendental. O contato de Lóri com a água do mar, nesse debruçar-se, eleva-a a um plano superior, não concreto, muito menos, segundo Otto, explicável, mas apenas descriptivo. Tão incomensurável é o poder do sagrado que o torna impossível de classificações racionais. “Lóri olhava o mar, era o que podia fazer. Ele só lhe era delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela incapacidade humana de ver a curvatura da terra” (LISPECTOR, 1998, p. 76-81).

Lóri, (mulher) ao ver o mar (o sagrado), contempla-se e encanta-se pela dimensão da natureza; o limite finito do mar é interpretado como a infinitude do sagrado, e ela, por sua vez, é impossibilitada, como humana, de conhecer os limites desse horizonte que guarda mistérios inacessíveis e irreconhecíveis. Como afirma Otto, “conceitualmente, mistério designa nada mais que o oculto, ou seja, o não-evidente, não-aprendido, não-entendido, não cotidiano nem familiar, sem designá-lo mais precisamente segundo seu atributo” (OTTO, 2007, p. 45).

Rudolf Otto elabora três conceitos-aspectos descriptivos da sensação do *Mysterium tremendum* no numinoso. Observamos tais conceitos no romance de Clarice Lispector: “Seu corpo se consola de sua própria exigüidade (*sic*) em relação à vastidão do mar” (LISPECTOR, 1998, p. 76-81). Esse *consolar* é entendido por Otto como o sentimento de dependência por ser criatura. Ela que é um *nada* diante do *tudo*. *Pó e cinza* frente ao poder sagrado. Esse sentimento é exprimível por sensações de temor, fascínio,

encantamento, calafrio, prazeres dionisíacos, terror, desejo, repulsa, conforto e desconforto. Esses e outros aspectos foram categorizados por Otto nas seguintes formulações que, segundo ele mesmo, são estados do comportamento *numinoso*: a) *tremendum* (arrepiante), b) *avassalador* (“majestas”), c) *energético* (*orgé*).

O *mysterium tremendum*⁸ ou “mistério que faz tremer” e arrepiar (por se tratar do totalmente outro) aparece inicialmente na maneira brutal do sinistro, do horripilante que, para Otto, é o aspecto mais primitivo do tremendo, é o medo e o imaginário do terror em seu estágio inferior. É o *Panicon*, o pavor do demoníaco, daquele que faz o mal, que pode nos castigar, pois é maior que nós. É o medo que somente o *homo religiosus* pode sentir. É algo que povoa sua mentalidade abissal e fornece significados para os sentidos de sua existência.

Ele emudece a alma, é o sentimento que corresponde ao mistério que causa calafrios e alucinações. Pode conduzir a estranhas excitações, como na seguinte passagem em que Lóri entrega-se se de corpo e alma ao mar: “O sal, o iodo, tudo líquido deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo – espantada de pé, fertilizada.” (LISPECTOR, 1998, p. 76-81).

Segundo Otto, esse sentimento pode ser um estado constante, cessando quando a alma volta ao estado profano. Pode também manifestar-se de forma exacerbadamente abrupta e conduzir a visões de miragem, sensações de transportes transplanetários, transes e êxtases físicos e místicos. De acordo com Birck, “O numem é pressentido no seu caráter terrífico como grandeza; diante da grandeza de Deus surge o sentimento de aniquilamento, o temor místico, o temor de Deus” (BIRCK, 1993, p. 35). No *tremendum* temos, portanto, a cólera do Sagrado, que tem como contraponto no sujeito o sentimento de ser mera criatura perante seu criador, correlato de poder à majestade divina, que se revela por meio do *mysterium*. O “mistério torna-se terrível”, pois tudo aquilo que para nós é secreto,

⁸ Sintetizamos aqui os dois aspectos *tremendum* e *mysterium* abordados por Rudolf Otto no 4º capítulo de sua obra.

é incompreensível ou inexplicável e muitas vezes inacessível e nos causa profundo temor e inquietação. Atentemo-nos para a situação *espantada* de Lóri, revelando o comportamento religioso (*numinoso*) do *mysterium tremendum*.

Citando um versículo bíblico - Jô 9.34⁹; 13.21¹⁰ -, Otto afirma: “Trata-se de um terror impregnado de um assombro que nenhuma criatura, nem a mais ameaçadora e poderosa, pode incutir. Tem algo de ‘fantasmagórico’” (OTTO, 2007, p. 46).

O aspecto *avassalador* (majestas) não trata apenas do medo do outro misterioso, é o caráter de reverência e reconhecimento de sua superioridade como entidade divina, absoluta. É o sentimento de ser criado pelo absolutamente “maior”, por uma majestade cujo poder é imensuravelmente avassalador. Vejamos o trecho do romance: “E aí estava ele, o mar. Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não-humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos” (LISPECTOR, 1998, p. 76-81).

Percebemos a diferença entre a criatura humana e a não-humana, a segunda tendo a potência sobre todos aqueles que são seres vivos, pois estes são criações suas elaboradas à sua *imagem e semelhança*, porém não gozam dos atributos onipotentes do criador, que arrebenta, domina e avassala.

Sombra e reflexo subjetivo desse aspecto absolutamente avassalador, essa majestas é aquele ‘sentimento de criatura’ que contrasta com o avassalador, sentido objetivamente; trata-se da sensação de afundar, ser anulado, ser pó e cinza, nada, e constitui a matéria-prima numinosa para o sentimento de humildade religiosa (OTTO, 2007, p. 52).

Lóri sente-se mulher diante de um Deus, sua majestade, que é tão grande, “tão vasto que ele era o mundo com suas galáxias” (LISPECTOR, 1998, p. 76-81). Otto demonstra o caráter não-racional da experiência-sentimento de pequenez em contraste à grandeza de Deus. “O poder, a majestas do numinoso é o segundo aspecto de manifestação do Deus vivo na experiência vivida do religioso (BIRCK, 1993, p. 39).

⁹ “Tire ele a sua vara de cima de mim, e não me amedronte o seu terror.”

¹⁰ “Desvia a tua mão rara longe de mim, e não me amedronte o teu terror.” (Bíblia Sagrada, 1982).

O energético (*orgé*), o *tremendum* e o *majestas* (mistério-tormento / poder avassalador / atração-repulsa) resultam em um terceiro elemento do *numinoso*, que Otto denomina de *Orgé*, uma energia que eleva o ser humano à vida religiosa, ao amor pelo sagrado. Essa energia é expressa por sistemas simbólicos de contemplação da vida, de exaltação dos elementos estéticos, morais, éticos e fraternais contidos no amor divino. O homem agora buscará zelar pelo sagrado, pois ele o conforta e o protege. “Para Otto, o elemento da energia numinosa aparece particularmente no misticismo do amor. É o Deus que é fogo, de ardor doravante; é o Deus de amor impetuoso” (BIRCK, 1993, p. 40).

É essa energia que preenche a alma de sentidos, que consola aos braços do Pai que ninha como mãe ao amamentar, um ato de sensibilidade, excitação e paixão. É o ato de contato entre o homem e seu Deus. Essa relação, segundo Otto, pode ser entendida como o embrião da racionalização do *numem*, a transformação do sagrado-numinoso em sagrado-santidade, cujos elementos numinosos são esquematizados e dogmatizados seguindo as leis da razão. Para ele, esse fenômeno é natural, pois constitui um processo evolutivo do numinoso dentro das religiões: o *numinoso* fica carregado de elementos racionais, teológicos, pessoais e morais.

Tal consideração não implica afirmar que esse estado pode ser comparado ao racionalismo institucional como, por exemplo, no caso do Cristianismo, pois nele a racionalização chega a um ponto de evolução que o estabelece como “religião superior”, relegando seus aspectos numinosos mais peculiares. Analisemos a seguinte passagem do romance Lispectoriano:

Lóri passara da religião de sua infância para uma não-religião e agora passara para algo mais amplo: chegara ao ponto de acreditar num Deus tão vasto que ele era o mundo e suas galáxias. E por causa da vastidão impessoal era um Deus para o qual não se podia implorar: podia-se era agregar-se a ele e ser grande também (LISPECTOR, 1998, p. 76-81).

Nessa citação literária podemos interpretar que Lóri, no seu contato com o sagrado-numinoso, no encontro de

“dois mundos in-cognoscíveis”, projeta-se diante de um Deus que vai além daquilo que entendera por Deus. O Deus que está acima de quaisquer interpretações à luz da razão; pelo contrário, é um sentimento que se revela por meio de sua grandeza infinita, tremenda e misteriosa que fascina, atrai e arrepia, que só o individuo em seu estado de alma suprassubjetivo pode sentir e até descrever, mas jamais decifrar. A jovem mulher sente que essa sensação é maior que qualquer compreensão “menor” de um Deus religioso (santidade); é na verdade um Deus cuja dimensão ultrapassa as compreensões humanas, um Deus da “não-religião” ou, mais que isso, um Deus “amplo” (*sagrado-numinoso*). Um Deus cuja superioridade agrupa-se ao ser humano, podendo este ser grande também. Busca-se no sagrado forças que a torna tão grande e poderosa como o *mar*, tão grande e poderoso. Supremo.

Algumas considerações

O sagrado emerge nas letras Lispectorianas, fluem hierofanias a partir das palavras. O *imago* do *homo symbolicus* reflete nas páginas de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* um aspecto peculiar da cultura humana, o *numinoso*.

A obra clássica de Rudolf Otto nos fornece instrumentos teórico-fenomenológicos que nos possibilitam refletir acerca da emersão do sagrado que acolhe-vislumbra a jovem Lóri imergindo-a no espaço da sacralidade, potencializando-a e fornecendo os sentidos e elementos mítico-reais da vida, pois “o crente é aquele que pode mais” (DURKHEIN, 1989).

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Português. Trad. Centro Bíblico Católico. 34. ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.

BIRCK, B. O. *O sagrado em Rudolf Otto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

CALLOIS, R. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Ed. 70, 1988.

CÂNDIDO, A. *Literatura e Direitos Humanos*. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/inedex.htm>> . Acesso em: 20 nov. 2010.

DURAND, G. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix/USP, 1988.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, M. *O Sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUMINOSO. In: DICIONÁRIO Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com>> . Acesso em: 12 dez. 2010.

OTTO, R. *O sagrado*. Petrópolis: Vozes, 2007.

The manifestation of the *numioso* in Lispector's *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*: a reflection on the sacred based on Otto's theory

Abstract

In the present article we approach the literary text of one of the greatest brazilian writer, Clarice Lispector. Her work *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres* (1969) reflects passages in which the young protagonist Lóri, in contact with the sea, is empowered by the presence of the sacred, which is the encounter of the *homo symbolicus* with the *numioso* manifested by the beauty of the water of the Big Sea. We are reflecting on the fragments of the work based on Rudolf Otto's theoretical- phenomenological referential which gives us elements to understand the sacred.

Keywords: sacred; numioso; symbol.

Artigo recebido em: 20/12/2011
Aprovado para publicação em: 20/12/2011